

DUNBAR E AS SUAS FILHAS

EDWARD ST AUBYN

DUNBAR E AS SUAS FILHAS

Tradução de
VASCO TELES DE MENEZES



BERTRAND EDITORA

Lisboa 2019

Para a Kate

UM

— Largámos a medicação — sussurrou Dunbar.

— Largámos a medicação/ estamos com um cabeçaço — cantou Peter —, saímos da caminha/ e largámos a mezinha! Ontem — continuou, num murmúrio conspiratório — estávamos a babar-nos para as lapelas dos nossos roupões turcos, mas agora largámos a medicação! Cuspimo-la; sedámos as aspidistras! Se esses lírios viçosos que recibes todos os dias...

— Quando penso de onde eles vêm — rosnou Dunbar.

— Calminha, meu velho.

— Roubaram-me o império e agora mandam-me a porcaria de uns lírios.

— Oh, o senhor tinha um império, era? — retorquiu Peter, com a voz de uma apresentadora cheia de entusiasmo. — Então tem de conhecer o Gavin, do quarto trinta e três, está cá disfarçado, mas o nome verdadeiro dele — Peter baixou a voz — é *Alexandre o Grande*.

— Não acredito numa só palavra disso — resmungou Dunbar —, ele já morreu há anos.

— Pois bem — retomou Peter, agora um médico especialista de Harley Street —, se esses lírios atormentados sofriam de tendências esquizofrénicas; atenção, tendências, uma quedazinha para o esquizoide, não uma coisa a cem por cento, os sintomas terão sido mitigados com o mínimo de efeitos secundários fatais.

Inclinou-se para a frente e sussurrou:

— É aí que eu enfio os meus drunfos defuntos: na jarra, com os lírios!

— Mas é que eu tive mesmo um império, sabias? — retorquiu Dunbar. — Já te cheguei a contar como é que mo roubaram?

— Várias vezes, meu velho, várias vezes — respondeu Peter num tom sonhador.

Dunbar içou-se da poltrona e, após uns trôpegos passos iniciais, endireitou-se, semicerrando os olhos devido à luz forte que entrava obliquamente pelo vidro reforçado da sua cela de alta qualidade.

— Disse ao Wilson que eu continuaria a ser o presidente não executivo — começou a explicar Dunbar —, mantendo o avião, o séquito, o património e os privilégios correspondentes, mas largando o fardo... — Esticou-se na direção da grande jarra de lírios e pousou-a no chão com cuidado. — Largando o fardo de dirigir o dia a dia do fundo. A partir de agora, disse-lhe eu, o mundo vai ser o meu recreio perfeito e, a seu tempo, o meu hospício privado.

— Oh, isso é muito bom — replicou Peter —, «o mundo é o meu hospício privado», nunca tinha ouvido essa.

— «Mas o fundo é tudo», disse-me o Wilson. — Dunbar foi ficando mais agitado à medida que avançava na história. — «Se abdicares disso», explicou-me, «não te vai restar nada. Não podes abdicar de uma coisa continuando ao mesmo tempo com ela.»

— É uma posição insustentável — interrompeu Peter —, conforme o R. D. Laing disse ao Bispo.

— Por favor, deixa-me contar a história — pediu Dunbar. — Eu disse ao Wilson que se tratava de uma medida fiscal, que podíamos evitar o imposto sucessório se cedêssemos diretamente a empresa às raparigas. «Mais vale pagar o imposto», respondeu-me o Wilson, «do que te estares a deserdar.»

— Oh, gosto desse Wilson — disse Peter. — Parece-me um tipo sensato, parece-me um homem com a medicação no sítio, quero dizer, o cabeção no sítio.

— Ele não tinha cabeção nenhum — ripostou Dunbar com impaciência —, não era um monstro; as minhas filhas é que são monstros.

— Não tinha cabeção nenhum! — exclamou Peter. — Mas que tipo mais chato! Quando estou antideprimido, o meu cabeção é tão grande que fica cheio de macaquinhos no sótão!

— Está bem, está bem — soltou Dunbar. Olhou para o teto e, a seguir, bramiu na voz de Wilson: — «Não te podes agarrar aos acessórios do poder, sem o próprio poder. É simplesmente» — fez uma pausa, tentando evitar a palavra, mas acabou por a deixar cair em cima dele do estuque no teto — «decadente.»

— Oh, decadência, declínio e morte — entoou Peter no seu trémulo de ator —, abatendo-se, sílaba a sílaba, sobre uma exígua sepultura. Como descemos agilmente essas escadas, quais Fred Astaire, rodopiando uma gadanha no lugar de uma bengala!

— Meu Deus do céu — exclamou Dunbar, o rosto a enrubescer-se —, és capaz, por favor, de parar de me interromper? Dantes, as pessoas não me interrompiam; ouviam-me submissamente. E, se falassem, era para me lisonjear ou então para fazer insinuações lucrativas. Mas tu, tu...

— Está bem, pessoal — disse Peter, como se se dirigisse a uma multidão colérica —, deem espaço ao homem. Vamos lá ouvir o que ele tem a dizer.

— «Posso fazer o que muito bem me apetece, raios!» — gritou Dunbar —, foi isso que eu respondi ao Wilson. «Estou a informar-te da minha decisão, não te estou a pedir conselhos. Trata disso e pronto!»

Dunbar voltou a erguer os olhos para o teto.

— «Não sou apenas o teu advogado, Henry; sou o mais velho amigo que te resta. Estou a dizer-te estas coisas para te proteger.»

— «Fias-te demasiado na nossa amizade», vociferei. «Não admito que me deem sermões sobre a empresa que eu próprio criei.»

Dunbar levantou o punho em direção ao teto e brandiu-o.

— Foi nessa altura que peguei num ovo Fabergé, que se encontrava num ninho de lenços de papel que eu tinha em cima da secretária... era o terceiro daquele mês: como os russos eram monótonos com as pretensões imperiais deles; um bando de judeus novos-ricos e cleptocratas, a fingirem-se príncipes Romanov, não precisava do «Raio do lixo dos Ivans!», gritei eu, atirando o ovo para dentro da lareira atrás da secretária, espalhando pérolas e fragmentos de esmalte pelas cinzas. «O que é que as minhas filhas chamam a isso?», perguntei ao Wilson. «Berloques! Raio dos berloques dos Ivans!»

— O Wilson manteve-se impassível; aquelas «birras infantis» tinham-se tornado quase ocorrências diárias, provocando alguma preocupação na minha equipa médica. É que — explicou Dunbar a Peter excitadamente — eu agora consigo ler os pensamentos dele. Tenho...

— Lamento informá-lo de que tem poderes psicóticos — interveio Peter, o médico especialista de Harley Street.

— Oh, chixa, para de fingir que és médico.

— Então devo fingir que sou quem? — perguntou Peter.

— Sê tu próprio e chega, por amor de Deus.

— Oh, isso ainda não domino bem, Henry. Dá-me outra pessoa mais fácil de imitar. E que tal o John Wayne?

Peter não esperou por uma resposta.

— Vamos evadir-nos desta espelunca, Henry — disse num tom de voz arrastado —, e amanhã ao pôr do sol vamos estar a entrar no Windermere Saloon e a pedir duas bebidas ao *barman*, como dois homens a sério donos do seu destino.

— Preciso de contar a minha história — lamuriou-se Dunbar. — Oh, Deus meu, não me deixes enlouquecer.

— É que — prosseguiu Peter, ignorando a aflição de Dunbar — eu sou, ou era, ou já fui... sabe-se lá se já passei à história ou não?... um cómico famoso, mas sofro de depressão, a angústia

cômica, ou a trágica angústia do cómico, ou a histórica angústia dos cómicos trágicos, ou a ficção da trágica angústia dos cómicos históricos!

— Por favor — implorou Dunbar —, estou a ficar confuso.

— Oh, estou antideprimido/ estou antideprimido — cantou Peter, pulando da cadeira, dando o braço a Dunbar e encorajando-o a rodopiar —, estou tão antideprimido/ que sou *maníaco*!

Parou subitamente e largou o braço de Dunbar.

— Som de Pneus a Chiar — atirou, na voz de voz-off dele, começando a fazer mímica —, enquanto ele se debate virilmente com o volante, à beira de um precipício.

— Eu já vi as tuas muitas caras — disse Dunbar distraidamente —, em muitos ecrãs.

— Oh, eu não me considero único — retorquiu Peter, com modéstia afetada —, não sozinho. Aliás, em 1953, quando fui expelido para este vale de lágrimas pela minha mãe descuidada, já havia duzentos e trinta e um Peter Walkers só na lista telefónica londrina; bom, mais apinhada do que só.

Dunbar encontrava-se petrificado no meio do quarto.

— Mas estou a divagar — disse Peter jovialmente. — Fala-me da tua «equipa médica», meu velho.

— A minha equipa médica — repetiu Dunbar, procurando agarrar-se ao suporte de uma expressão familiar nas águas agitadas dos seus pensamentos. — Sim, sim; precisamente na véspera do anúncio da minha decisão ao Wilson, o doutor Bob, que é o meu médico, tinha conversado com o Wilson a sós, dizendo-lhe que eu estava a passar por uns «incidentezinhos cerebrais». Revelou ao Wilson que não havia «nada com que nos devêssemos preocupar indevidamente».

— Mas há alguma coisa com que nos devamos preocupar *indevidamente* — não conseguiu deixar de perguntar Peter —, quando há tantas com que nos devemos preocupar devidamente?

Dunbar fez um gesto de desconsideração, como quem desincentiva uma mosca persistente.

— De qualquer forma — retomou Dunbar —, segundo esse médico cheio de lábia... aquela serpente dourada, aquele dodecaedro... que supostamente seria um especialista, visto que o único paciente dele era a minha pessoa, ou eu, ou, pelo menos, eu próprio, Henry Dunbar — disse, batendo com força no peito —, Henry Dunbar.

— Não o Henry Dunbar magnata canadiano dos *media*! — retorquiu Peter, aparentemente expectante. — Um dos homens mais ricos do mundo e, possivelmente, o homem mais poderoso do mundo?

— Sim, sim, esse sou eu, ou eu próprio, ou, no mínimo, é esse o meu nome... a minha gramática patinha um bocadinho em relação a determinadas ideias, anda à roda, à roda em determinados redemoinhos. Seja como for, segundo esse odioso traidor, o meu médico, seria melhor limitar as minhas birras «ao mínimo»; para o meu séquito não ser obrigado a lidar com elas ou parecer levá-las demasiado a sério.

— As birras atingirão os valores máximos amanhã à tarde — anunciou Peter —, quando o furacão Henry se fizer sentir no Lake District. Aconselha-se os espectadores a enfiarem-se no subsolo e a acorrentarem-se a uma rocha.

Dunbar esbracejou energicamente, afastando cada vez mais moscas.

— Eu... eu. Onde é que eu estava? Oh, sim, depois da minha demonstraçãozinha de raiva, o Wilson manteve-se impassível, julgando que isso seria o mais correto. Entretanto, reparei no ovo; a superfície tinha ficado lascada e deteriorada, mas a parte de dentro era de ouro e tudo aquilo tinha acabado por não se despedaçar tal como o meu humor exigia. Aproximei-me do ovo e deixei cair o meu tacho impiedosamente sobre aquela ninharia exasperante, mas o ovo era mais resistente do que eu tinha imaginado e escapuliu-se de debaixo do meu pé. Consegui deitar a mão à prateleira por cima da lareira mesmo a tempo de me salvar de uma queda ignominiosa. Vi o leal Wilson levantar-se da poltrona e sentar-se de novo. Esse momento de susto arrancou-me da minha fúria e pôs-me num estado de espírito mais frágil. «Estou

a ficar velho, Charlie», disse ao Wilson, pegando no ovo de brincar e reprimindo a sensação de temor que carregava desde aquele acidente estúpido, mesmo estúpido, em Davos: o medo constante de voltar a cair, de já não ser capaz de confiar no meu corpo traiçoeiro. «Não quero mais esse grau de responsabilidade», afirmei. «As minhas meninas vão tomar conta de mim, não há nada de que gostem mais do que de apaparicar o velho pai.»

— Em suma — respondeu Peter, com um sotaque vienense cerrado —, «ele transformou as filhas na mãe!» Conforme Freud disse ao Bispo, na esquina da Heimatstrasse com a Wanderlust.

— Abri a janela que se encontrava mais perto — persistiu Dunbar — e lancei o ovo pelos ares. «Alguém vai ganhar o dia com isto», disse eu.

— «Desde que não fique com a cabeça partida», respondeu o Wilson. «As cabeças são mais quebradiças do que o ouro.»

— Oh, esse Wilson é mesmo sábio — comentou Peter.

— «Acho que já teríamos ouvido um grito de inquietação», assegurei-lhe, sentando-me outra vez à secretária. «As pessoas escondem melhor a satisfação do que a dor. Toma», disse eu, oferecendo uma prenda ao Wilson, «porque é que não ficas com um? Já tenho que chegue destes berloques dos Ivans para fazer uma omeleta Fabergé.» Abri a gaveta e atirei uma bugiganga reluzente ao ar. O Wilson, que já andava há várias décadas a levar com tudo aquilo que eu e a minha família lhe atirávamos, desde aquele primeiro almoço de domingo em que nos encontrou a todos a jogar basebol no jardim, como uma família normal... como uma família num jogo de imitação de uma família normal... apanhou-a na perfeição, deitando um olhar ao retículo de diamantes minúsculos entrecruzando-se ao longo da superfície escarlate e fazendo-a rolar, sem comentários, pela mesa junto à sua poltrona, onde acabou por parar, periclitante, ao lado da chávena de café de porcelana de Meissen.

— Estou a adorar os pormenores, querido — disse Peter, o encenador extático —, a adorar.

— «Devas guardar pelo menos um conjunto de ações», disse o Wilson, «e aviso-te já que não te vão autorizar a ficar com o Global One. Nenhum cidadão tem um 747 privado.»

— «Autorizar?», vociferei, «*Autorizar?* Quem se atreve a negar a Dunbar os seus desejos? Quem se atreve a negar a Dunbar os seus caprichos?»

— Ora, o próprio Dunbar, claro — respondeu Peter. — Somente ele detém o poder, ou detinha o poder, ou já deteve o poder.

— «Vou fazer disso uma condição da doação! Juro por Deus que a minha vontade será feita!»

Ao ouvir alguém bater à porta, Dunbar calou-se abruptamente. Uma expressão apossada apoderou-se dele.

— Rápido — disse Peter, dando um salto e apressando-se a ir ter com ele. — Não te esqueças, meu velho: finge que tomas os drunfos, mas não os engulas — sussurrou. — Amanhã é o dia da grande evasão, da grande fuga da prisão.

— Sim, sim — murmurou também Dunbar —, a grande evasão. Entre! — gritou imponentemente.

Peter, que tinha começado a cantarolar baixinho a música da *Missão: Impossível*, piscou o olho a Dunbar.

Dunbar tentou retribuir a piscadela, mas descobriu que não conseguia controlar as pálpebras em separado e acabou por pestanejar umas quantas vezes.

Duas enfermeiras entraram no quarto, empurrando um carrinho carregado de frascos de remédios e copos de plástico.

— Boa tarde, cavalheiros — disse a enfermeira Roberts, a mais velha das duas. — Como é que nos sentimos hoje?

— Já lhe passou pela cabeça, enfermeira Roberts — retorquiu Peter —, que possamos ter mais do que uma emoção dentro de nós, já para não falar entre nós?

— Anda outra vez a fazer das suas, não é verdade, senhor Walker? — respondeu a enfermeira Roberts. — Já fomos ao nosso encontro de hoje?

— Já fomos ao nosso encontro e é com prazer que informo que experienciámos uma sensação aconchegante de companheirismo com os nossos camaradas companheiros.

A enfermeira Muldoon não foi capaz de sustentar um risinho.

— Não o encoraje — disse a enfermeira Roberts, soltando um suspiro de desaprovação. — Não vamos tentar fugir outra vez para o *pub*, pois não?

— Por quem me toma? — perguntou Peter.

— Por um alcoólico desenfreado — respondeu a enfermeira Roberts num tom sarcástico.

— Mas o que poderia persuadir alguém à face da Terra a abandonar este notório lugar de grande beleza — retorquiu Peter, regressando ao trémulo de ator —, este refúgio de calmantes naturais, este vale através do qual o leite da amabilidade humana flui como um rio de seda, curando as mentes apoucadas da sua clientela já bem endinheirada?

— Hummm — atirou a enfermeira Roberts —, temo-lo de baixo de olho.

— Aqui no Schloss¹ Meadowmeade — continuou Peter, metamorfoseando-se num Kommandant alemão —, a segurança funciona a noventa e nove vírgula nove por cento! E a única razão para não funcionar a cem por cento é por vocês terem trancado um dos vossos próprios oficiais do lado de fora do peitoril da janela durante a noite e ele ter perdido um dedo devido a uma queimadura de frio!

— Já chega dessas tolices — afirmou a enfermeira Roberts. — O que é que esta jarra está a fazer no chão? Importa-se, enfermeira Muldoon? E, a seguir, faça-me o favor de acompanhar o senhor Walker ao quarto dele. O senhor Dunbar precisa do seu repouso da tarde. Está na altura de se despedir e de o deixar ter um pouco de paz e sossego.

— Vemo-nos por aí, parceiro — disse John Wayne, piscando o olho a Dunbar.

¹ *Castelo* ou *palácio*, em alemão. (N. do T.)

Dunbar pestanejou várias vezes, para demonstrar que compreendia.

Depois de os outros se terem ido embora, a enfermeira Roberts avançou para o quarto de dormir, com o carrinho à frente.

— A meu ver, não me parece que o senhor Walker seja uma boa influência para si — disse. — Põe-no sempre agitado.

— Sim — respondeu Dunbar humildemente —, tem toda a razão, enfermeira. Ele é um bocadinho espalha-brasas. Por vezes, acho-o bastante assustador.

— Não me surpreende que ache, querido. Para lhe dizer a verdade, nunca gostei de *As Muitas Caras de Peter Walker*... costumava sempre mudar de canal. Deem-me o Danny Kaye a qualquer hora. Eram tempos mais inocentes. Ou o Dick Emery, oh, como ele me fazia rir — disse a enfermeira Roberts, arejando as almofadas de Dunbar enquanto este se sentava na borda da cama, a imagem genuína de um velhote aturdido.

— Agora está na altura de tomarmos o nosso remédio da tarde — anunciou a enfermeira Roberts.

Pôs dois frascos de parte e tirou um copo de plástico da pilha de copos no canto do carrinho.

— Temos o nosso simpático verde e castanho que nos põe quentinhos e aconchegados — explicou numa linguagem suficientemente simples para que o pobre coitado do Dunbar pudessem compreender — e, a seguir, temos o nosso branco bem grande que nos impede de ter ideias tontas de que as nossas filhas não nos amam, quando estão a pagar para podermos desfrutar de umas longas e encantadoras férias aqui em Meadowmeade e ter o descanso que merecemos depois de termos sido um homem muitíssimo ocupado e muito importante.

— Eu sei que elas me amam, a sério — retorquiu Dunbar, aceitando o copinho. — Fico só confuso.

— Claro que fica — respondeu a enfermeira Roberts — e é por isso que cá está, querido, para o podermos ajudar.

— Eu tenho outra filha... — começou a dizer Dunbar.

— Outra filha? — repetiu a enfermeira Roberts. — Oh, meu Deus, vou ter de dar uma palavrinha ao doutor Harris sobre as suas doses.

Dunbar enfiou os comprimidos na boca e bebeu um gole de água do copo estendido pela enfermeira Roberts. Sorrindo agradecidamente para a cuidadora, deitou-se na cama e, sem mais palavras, fechou os olhos.

— Desejo-lhe uma ótima sesta — disse a enfermeira Roberts, puxando o carrinho para fora do quarto. — Sonhos cor-de-rosa!

Assim que ouviu a porta fechar-se, Dunbar abriu os olhos. Endireitou-se, cuspiu os comprimidos para a mão, içou-se para fora da cama e voltou a arrastar-se para a sala de estar.

— Monstros — resmungou —, abutres a rasgarem-me o coração e as entranhas.

Imaginou-lhes as penas ásperas da cabeça manchadas de sangue e vísceras. Cabras traiçoeiras e devassas, pervertendo o seu médico pessoal — o homem nomeado para examinar o corpo de Dunbar, autorizado a recolher análises de sangue e urina de Dunbar, a examiná-lo para despistar cancro da próstata, a iluminar-lhe com uma lanterna as amígdalas sensíveis; não valia a pena pensar naquilo, não valia a pena pensar naquilo — pervertendo o médico pessoal dele e tornando-o o ginecologista *bem demasiado pessoal* delas, o chulo, o copulador, o dildo-serpente!

Despejou os comprimidos pelo gargalo da jarra abaixo, com os polegares a tremerem-lhe.

— Julgam que me conseguem castrar com os vossos químicos, hã? — protestou Dunbar. — Bom, é melhor porem-se a pau, minhas cabrinhas, porque eu estou de volta. Ainda não estou acabado. Vou ter a minha vingança. Vou... ainda não sei o que é que vou fazer... mas vou...

As palavras não lhe queriam sair, a resolução recusava-se a vir, mas a raiva continuava a aumentar dentro dele, até que começou a rosnar como um lobo a preparar-se para atacar, um rosnar baixo, que se foi intensificando lentamente, sem ter para onde ir.

Ergueu a jarra por cima da cabeça, pronto a lançá-la pela janela daquela prisão, mas foi então que ficou petrificado, incapaz de a partir ou pousar, com toda a ação anulada pela perfeita guerra civil entre onnipotência e impotência que lhe bloqueava o corpo e a mente.